



RACISMO AFETIVO-SEXUAL E O PRETERIMENTO DA MULHER PRETA: O AMOR TEM COR?

Hênio dos Santos Rodrigues¹
Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, SE, Brasil

Daniela Barreto do Sacramento
Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil

Victoria Guadalupe de Oliveira Aragão
Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil

Resumo

O racismo afeta a vida afetiva e sexual das pessoas negras, restringindo o uso de seus corpos e sentimentos de acordo com a lógica excludente da branquitude. A sociedade frequentemente coloca a pessoa negra como "feia", "objeto" ou "animalésca", sendo menos valorizada e considerada menos digna de afeto. Este estudo investigou o racismo sexual e o preterimento de mulheres pretas, examinando como esses fenômenos afetam suas vidas afetivas e sexuais. Foram entrevistadas 15 mulheres pretas, com idades entre 17 e 32 anos, utilizando um questionário semiestruturado. Os resultados mostraram que o racismo afetivo-sexual, padrões de beleza e estereótipos objetificantes têm impacto negativo na autoestima, bem-estar e vida amorosa das mulheres pretas.

Palavras-chave: Racismo Afetivo-Sexual; Mulheres Pretas; Preterimento.

AFFECTIVE-SEXUAL RACISM AND THE NEGLECT OF THE BLACK WOMAN: DOES LOVE HAVE A COLOR?

Abstract

Racism affects the affective and sexual lives of black individuals, restricting the use of their bodies and emotions according to the exclusionary logic of whiteness. Society often portrays black individuals as "ugly," "objectified," or "animalistic," devaluing and considering them less worthy of affection. This study investigated sexual racism and the rejection of black women, examining how these phenomena impact their

¹Mestre (Programa de Pós Graduação em Psicologia) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, SE
<https://orcid.org/0000-0003-1605-8349>



affective and sexual lives. Fifteen black women, aged between 17 and 32, were interviewed using a semi-structured questionnaire. The results showed that affective-sexual racism, beauty standards, and stereotypes have a negative impact on the self-esteem, well-being, and love life of black women.

Keywords: Affective-Sexual Racism; Black Women; Rejection.

RACISME AFFECTIF-SEXUEL ET LE REJET DE LA FEMME NOIRE : L'AMOUR A-T-IL UNE COULEUR ?

Resumé

Le racisme impacte la vie affective et sexuelle des personnes noires, restreignant l'utilisation de leurs corps et émotions selon la logique d'exclusion de la blancheur. La société présente souvent les personnes noires comme "laides", "objets" ou "animalesques", les dévalorisant et les considérant moins dignes d'affection. Cette étude a examiné le racisme sexuel et le rejet des femmes noires, en étudiant comment ces phénomènes affectent leur vie affective et sexuelle. Quinze femmes noires, âgées de 17 à 32 ans, ont été interrogées à l'aide d'un questionnaire semi-structuré. Les résultats ont montré que le racisme affectif-sexuel, les normes de beauté et les stéréotypes ont un impact négatif sur l'estime de soi, le bien-être et la vie amoureuse des femmes noires.

Mots-clés: Racisme Affectif-Sexuel ; Femmes Noires ; Rejet.

RACISMO AFECTIVO-SEXUAL Y EL RECHAZO A LA MUJER NEGRA: ¿EL AMOR TIENE COLOR?

Resumen

El racismo afecta la vida afectiva y sexual de las personas negras, restringiendo el uso de sus cuerpos y emociones de acuerdo con la lógica excluyente de la blancura. La sociedad a menudo presenta a las personas negras como "feos", "objetos" o "animalescos", menospreciándolas y considerándolas menos dignas de afecto. Este estudio investigó el racismo sexual y el rechazo hacia las mujeres negras, examinando cómo estos fenómenos afectan sus vidas afectivas y sexuales. Quince mujeres negras, con edades comprendidas entre los 17 y los 32 años, fueron entrevistadas utilizando un cuestionario semiestructurado. Los resultados mostraron que el racismo afectivo-sexual, los estándares de belleza y los estereotipos tienen un impacto negativo en la autoestima, el bienestar y la vida amorosa de las mujeres negras.

Palabras clave: Racismo Afectivo-Sexual; Mujeres Negras; Rechazo.

1. Introdução

Em mais uma tarde de fevereiro, Rosa Miranda, uma mulher negra de 35 anos, cineasta, se arruma para um encontro marcado via Bate Papo da UOL. Ela passa perfume e veste um vestido amarelo que ilumina ainda mais a cor da sua pele. Ao chegar no local combinado, percebe que o



semblante do homem muda. Contudo, o encontro continua, mas um certo desconforto é perceptível. Ao final, Rosa recebe um comentário do rapaz que a deixa estupefata: “Não sabia que você era tão preta. Não sou racista, mas nas suas fotos você aparentava ser mais clara. Não curto mulheres tão escuras.”

A história de Rosa não é incomum para mulheres pretas. Durante o desenvolvimento deste trabalho, não foi difícil ouvir das mulheres pretas entrevistadas o quanto é oneroso se engajar em um relacionamento, principalmente se não atendem ao padrão de "mulata tipo exportação" e/ou se têm a pele retinta. Desde tenra idade, as mulheres pretas são alvo de rejeição em diversos contextos sociais, tendo que conviver com esse "fantasma" criado por uma sociedade na qual imperam o racismo estrutural e o machismo. O preterimento que interfere na vida das mulheres pretas se inicia quando elas se deparam que no contexto brasileiro elas "não são bonitas", que o "seu cabelo é ruim" e que, possivelmente, jamais serão tão amadas e “desejadas” quanto as mulheres brancas.

Segundo Moura (2019), o preterimento, então, não é uma mera coincidência, mas sim fruto de um mecanismo de desvalorização e inferiorização. Esse processo valoriza um grupo em detrimento de outros, negando a diversidade e a valorização destes últimos. É esse mesmo processo que se relaciona ao apagamento histórico e identitário. A questão central é a construção do branco como um ideal de consumo e a única opção aceitável, o que reflete uma perspectiva histórica de pensamento dominante, onde o branco europeu é posicionado ideologicamente como o melhor e o superior, em contraste com o preto, que é visto como o pior e o inferior. Os corpos negros, quando não são tratados com escárnio, muitas vezes são reduzidos a meros objetos de deleite sexual dos homens, em um cenário de relações fugazes, que pode condenar os negros à solidão.

De acordo com o último censo do IBGE, realizado em 2010, metade das mulheres pretas em idade adulta não viviam em relacionamentos. O casamento entre pessoas da mesma cor ou raça é mais comum entre os brancos (74,5%), pardos (68,5%) e indígenas (65%). Em contrapartida, entre as pessoas com mais de 50 anos, a maior proporção de mulheres que estão solteiras são mulheres pretas. Além disso, também são maioria na categoria de "celibato definitivo", a qual é ocupada por pessoas que nunca viveram com um cônjuge (Berquó, 1987).

A disseminação de estereótipos, como o da mulher preta forte e autossuficiente, que não precisa de cuidado, empatia e afeto, aliada à objetificação massiva de seus corpos e à negação de sua identidade como mulheres e seres humanos, fornece um vislumbre de como o preterimento das mulheres pretas se constrói e se torna uma carga pesada em suas vidas. Infelizmente, esse preterimento muitas vezes é minimizado em nossa sociedade, que não compreende o quão impactante



é a afirmação de que elas não são "namoráveis, casáveis, beijáveis...". Essa mentalidade reflete um dito popular que estabelece um lugar e uma relevância para cada mulher com base em sua cor de pele: "branca para casar, "mulata" para trepar, preta para trabalhar", o que evidencia a intersecção entre gênero, classe e raça na vida social.

Quando a cor da pele determina quem pode ser amado ou não, ser reconhecido como pessoa ou não, ser considerado humano ou não, estamos lidando com um "novo" tipo de racismo. A esse tipo de racismo que condiciona as escolhas de parceiros afetivos e sexuais com base na cor da pele, levando ao preterimento das mulheres pretas, dá-se o nome de racismo afetivo-sexual (Callander, 2015).

O racismo afetivo-sexual pode exercer uma influência definidora e limitante nas trajetórias de vida de mulheres e pessoas pretas. Apesar de a prática sexual entre "raças" distintas e a miscigenação serem vistas como características inerentes à sociedade brasileira (Moutinho, 2004), é possível inferir que, no "mercado dos afetos", existe uma seletividade conjugal, e o suposto "paraíso racial" se transforma em um inferno para aqueles que não se enquadram na lógica eurocêntrica que norteia as relações amorosas no Brasil. Numa sociedade em que mais de 55% da população é composta por negros e pardos, essa questão da preferência e seletividade não pode ser considerada aleatória. De acordo com hooks (2000), o ato de amar e ser amada é permeado por hierarquias sociais determinadas e representações construídas acerca do corpo dessa mulher, o que influencia suas escolhas e vivências afetivas. A literatura psicossocial aponta que essa "preferência", "gosto", "não faz o meu tipo", "não me atraem mulheres/homens pretos(as)" estão enraizados e estruturam as relações sociais no Brasil e no mundo quando se trata de raça e afetividade, caracterizando o racismo, nesse caso, mais especificamente, o racismo afetivo-sexual.

Quando falamos das experiências, reconhecemos a multiplicidade que nos atravessa e nos trouxe até o momento presente, permitindo-nos construir a partir de nossas próprias posições, exposições e proposições. hooks (2000) destaca como a estrutura racista e desumana se consolidou e como nós, muitas vezes, a reproduzimos sem analisar nossas atitudes, naturalizando comportamentos que nos impedem de amar e receber amor - um sentimento de resistência que é revolucionário. Nesse contexto, as epistemologias que valorizam o corpo e a voz, em todas as suas manifestações, como instrumentos de saberes para além das perspectivas eurocêntricas, assumem um papel revolucionário. Elas nos ensinam uma pedagogia ancestral de reconhecimento das memórias e saberes de nosso próprio povo, especialmente mulheres e homens, negras e negros, latinas e latinos (Martins, 2003; Machado, 2019; hooks, 2017; González, 2020; Petit, 2019).



Essas pedagogias da ancestralidade nos provocam, reeducam e libertam, convidando-nos a refletir e reconhecê-las como práticas libertadoras e autônomas do ser, baseadas na democracia do saber e no poder da transgressão, que nos ensina a valorizar os processos formativos e a transgredir a hegemonia, refletindo sobre nossas próprias práticas. São vozes que foram silenciadas por séculos, mas que agora ecoam, ocupando espaços e transformando-os, convocando novas sufragistas na luta por equidade, assim como as vozes das muitas mulheres que vieram antes de nós, como expressado no poema "Vozes-Mulheres" de Conceição Evaristo (2017).

Apesar de tendermos a negar enfaticamente ou sermos indiferentes à existência do racismo e machismo no Brasil, ignorando o fato de que essas formas de discriminação, baseadas na cor da pele e/ou gênero, limitam a trajetória de pessoas negras, impactando suas vidas de diversas maneiras. Berquó (1987) afirma que as mulheres, em geral, tendem a ter menores chances de casar em comparação com os homens. A população preta também tende a se casar mais tardiamente, e o celibato é mais evidente entre as mulheres pretas, o que a autora nomeia de "Pirâmide da Solidão".

Essas conclusões foram baseadas em um estudo que analisou os padrões de preferências na escolha de parceiros por grupos raciais usando dados do censo do IBGE dos anos 1995 e 1996. Petrucelli (2001) constatou que, em comparação com as mulheres brancas com mais de 50 anos (28,7%), a grande maioria das mulheres pretas na mesma faixa etária se apresentava como solteiras (33,0%), seja por não terem se casado ou por estarem separadas, desquitadas ou divorciadas, confirmando que as mulheres pretas estão em desvantagem no mercado matrimonial. Em 2012, com base no censo de 2010, o pesquisador enfatizou que as mulheres pretas ainda são as que menos se casam, em parte porque a sociedade brasileira adota como base fundamental para a formação de casais os padrões estéticos eurocêntricos, determinando quem pode ser escolhido como parceiro afetivo (Petruceli, 2012).

Segundo Silva (2003), a mulher preta brasileira ainda enfrenta os resquícios das experiências vividas por suas ancestrais no período da escravatura. Na pirâmide social, a mulher preta é posicionada na base, carregando o peso das desigualdades sociais impostas pela sociedade. Ela se torna objeto de diversas formas de discriminação, carregando em seu corpo duas marcas que determinam sua existência na sociedade: seu gênero e a cor de sua pele.

Souza (2008), em sua dissertação, buscou analisar as demandas que afligem a mulher preta e as dinâmicas da solidão e dos afetos inerentes à existência dessa mulher, a partir de suas próprias perspectivas. A autora discute como esses aspectos impactam a feminilidade, autoestima e subjetividade da mulher preta, que frequentemente é preterida até mesmo pelo homem negro. A



história dessa mulher, desde a ruptura da diáspora africana até a atualidade, é permeada pelo preterimento. Para a mulher que consegue superar essa realidade, o cerceamento surge de outra forma. A maioria das mulheres pretas que conseguem ascender socialmente enfrenta a redução drástica de suas chances de encontrar parceiros afetivos, pois seus pares as veem como uma ameaça potencial, não se enquadrando facilmente no papel de "escravas" ou subservientes, questionando o lugar do "macho provedor" - essa situação pode vir a reduzir suas possibilidades de engajamento afetivo.

A pesquisa mencionada nos permite compreender uma das nuances que compõem o preterimento da mulher preta. Além de enfrentar desigualdades sociais e diversos tipos de violência como alvo prioritário, essa mulher se depara com a rejeição afetiva e sexual, tanto por parte de seus pares negros quanto dos brancos. O aforismo conhecido como "as mulheres brancas são para casar, a 'mulata' para transar e as pretas para trabalhar" ainda define, de forma triste, o lugar de cada mulher no "mercado afetivo".

Pacheco (2014) destaca como o corpo dessas mulheres é atravessado pelas normas sociais de gênero, classe e raça, regulando suas potências afetivas desde a infância, resultando em sentimentos de incompletude e solidão para essas mulheres. hooks (1995) ressalta que o preterimento da mulher preta começa na infância e ecoa durante toda a vida. Desde cedo, elas percebem que não são escolhidas para brincadeiras em suas turmas, sentem solidão no recreio, não recebem afeto dos professores em comparação com suas colegas brancas, e não têm parceiros em festividades escolares, como festas juninas. Comentários desrespeitosos sobre seu cabelo e aparência podem afetar sua autoestima e reverberar ao longo da vida. Essas experiências podem levá-las a mendigar afeto ou a se tornarem fortalezas emocionais, acreditando que não precisam de ninguém, o que lhes rende o rótulo de "fortes" devido à necessidade de enfrentar a dureza da vida cotidiana que lhes é imposta. A mulher negra frequentemente lida com estereótipos negativos, sendo impelidas a criar barreiras emocionais para proteger-se, pois demonstrar sentimentos significa se deixar vulnerável a invasões e colonizações, correndo o risco de comprometer sua própria sobrevivência.

A mulher negra é muitas vezes rotulada como agressiva quando luta e defende seus direitos, mesmo que esses direitos não sejam efetivamente garantidos. Ela enfrenta o sexismo e a desumanização, pois seus argumentos são frequentemente deslegitimados apenas por ser mulher e negra. É forçada a argumentar repetidamente e justificar por que se sente injustiçada, enfrentando questionamentos em relação ao uso de sua voz como instrumento de defesa - algo que sabemos ser poderoso hoje, mas que no passado foi sufocado e impedido durante séculos. A máscara usada por Anastácia, figura histórica, continua a existir no imaginário social, representando o sofrimento e as



angústias das mulheres pretas. A hipótese de pesquisa levanta a questão de que o racismo afetivo-sexual atua através do preterimento ou objetificação da mulher preta. Os relatos dessas mulheres permitiram compreender como o racismo afetivo-sexual se combina com o preterimento e afeta as esferas afetivas e sexuais de suas vidas.

A partir do discurso de Sojourner Truth em 1851, durante sua participação na Convenção dos Direitos da Mulher, fica evidente o acentuado sexismo e racismo que ela enfrentou como mulher negra, onde as diferenças foram ainda mais marcadas (Ribeiro, 2019). O presente trabalho busca investigar como essas dinâmicas atuam na vida dessas mulheres, explorando como o racismo afetivo-sexual pode impactar negativamente suas vivências afetivas e sexuais.

2. MÉTODO

2.1 Participantes

Foram entrevistadas, entre os dias 19 e 20 de dezembro de 2019, 15 mulheres, autodeclaradas pretas, com idades entre 17 – 34 anos, majoritariamente heterossexuais (13), 1 (bissexual), 1 (homossexual), estudantes da Universidade Federal de Sergipe de diversos cursos (Engenharia Química, Geografia, Letras, Administração, Biologia, Biblioteconomia, Economia, Turismo e Direito) recrutadas a participar da presente pesquisa voluntariamente.

2.2 Procedimentos

Todas as 15 participantes atenderam aos pré-requisitos necessários para compor a amostra do presente estudo – maior que 16 anos, preta e mulher. Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as participantes deram a anuência da gravação dos seus relatos. Cada entrevistada recebeu um pseudônimo para que a identidade das mesmas pudesse permanecer em sigilo. As entrevistas foram conduzidas em um espaço privado nas dependências da Universidade Federal de Sergipe, possibilitando às participantes uma maior segurança ao trazer à tona questões inerentes a assuntos sensíveis como sexualidade e vida afetiva. A partir dos questionamentos, as participantes puderam trazer exemplos seus e de outras realidades. Após estabelecer o *rapport*, as entrevistas foram iniciadas a partir das perguntas sociodemográficas, incluindo sua identificação racial, idade, orientação sexual, curso e a qual classe social pertencia. Foram realizadas perguntas acerca da vida afetiva e sexual e como a raça impactava em ambas searas da vida das entrevistadas e de terceiros, e se já haviam experienciado situações de racismo afetivo-sexual, bem como, se este aspecto fazia interseção com preterimento afetivo, estereótipos objetificantes e padrões de beleza. Todas as



entrevistas foram gravadas e o conteúdo foi devidamente transcrito com o intuito de manter a fidedignidade das falas das participantes.

2.3. Instrumento

Para coletar as falas das participantes frente ao tema do racismo afetivo-sexual, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado contendo questões sobre afetividade, racismo e aspectos que evocassem detalhes acerca da vida amorosa das participantes. No entanto, de acordo com o que era expressado pelas participantes, a entrevista tomava outros contornos, mas não menos relevantes para compreender amplamente o fenômeno estudado.

2.4. Análise das Entrevistas

Para analisar o conteúdo evocado pelas entrevistadas, foi utilizado a análise temática qualitativa - identificando, analisando e extraindo temas inerentes aos dados (Braun & Clarke, 2006; Silvestrini, 2019). A análise temática se mostra um método amplo e dinâmico para compreensão de dados qualitativos, principalmente quando se trata de conteúdos complexos, multifacetados e polissêmicos (Holloway & Todres, 2003). Inicialmente, todo o *corpus* foi lido para identificar conteúdos inerentes aos tópicos de pesquisa. Em seguida, frases e expressões com conteúdo similares foram agrupadas em temas correlatos. Por último, os temas foram analisados ancorando-se nas teorias da psicologia social e sociologia. Após o processo de transcrição, decodificação e análise das entrevistas, os temas foram identificados e examinados. Em seguida, serão trazidos para análise dos resultados as falas de algumas mulheres pretas entrevistadas, com o objetivo de observar, a partir da ótica delas, como o racismo sexual e os demais aspectos se entrelaçam e se expressam em suas realidades.

3. Resultados

Reproduzir todo o conteúdo expressado pelas mulheres entrevistadas é inviável devido ao volume significativo de informações (10 horas de gravação e 41 páginas de material transcrito). No entanto, os trechos selecionados dos estratos fornecem ao leitor um panorama do que foi expresso pelas participantes e que podem ser úteis a futuros estudos. Os trechos elencados nos permitem visualizar a dinâmica entre o impacto do racismo afetivo-sexual, intercalado com o preterimento



afetivo-sexual, estereótipos objetificantes, padrões de beleza e como tais fenômenos operam na vida afetiva e sexual da mulher preta brasileira.

3. 1 Preterimento afetivo e sexuais

Quando questionadas se “existia uma preferência de pessoas brancas casarem entre si” e como se operava a sexualização da mulher preta, a grande maioria das entrevistadas responderam afirmativamente à primeira pergunta, trazendo à tona diversos aspectos inerentes ao racismo sexual. São evocados pelas participantes os aspectos estruturais do racismo e a sua incidência nos relacionamentos. Por conta do volume de falas, apenas algumas dessas serão contempladas a seguir.

“Eu acho que sim, porque historicamente as mulheres pretas possuem lugar de amante, né? Mulheres pretas historicamente são amantes. Minhas amigas brancas são consideradas quase sacras para os homens, menos sexuais, dignas.” **(Záfira, 25 anos, hétero)**

“A branca é padrão certinho de como ser, já a preta é para se divertir, porque ela não é um ser, uma pessoa, é apenas para diversão.” **(Kiara, 25 anos, heterossexual)**

“Eu acho que a mulher preta é mais fácil ter sexo, porque associam a imagem da mulher branca à questão de compromisso eterno, e a mulher preta a algo momentâneo.” **(Luara, 21 anos, Heterossexual)**

“No geral, as mulheres brancas são mais preferidas para relacionamentos sérios. A sociedade é racista, mesmo sendo a população preta maioria, existe um endeusamento do branco.” **(Silvia, 30 anos, Heterossexual)**

“Acho. Porque a gente vê muito preconceito de muitos homens negros que querem mulheres brancas, e também alguns homens brancos que tem muito preconceitos com mulheres pretas, a gente que tem o cabelo cacheado ou afro as pessoas olham de forma diferente. Essa semana eu tava conversando com o primo do meu namorado, ele falou que acha o meu cabelo bonito, mas o gosto dele é mulheres claras com cabelo liso.” **(Cíntia, 19 anos, heterossexual)**

“Com certeza, a mulher e o homem branco, né? São as pessoas que são vistas como pessoas para casar, namorar, como bonitas, aquele tipo de pessoa que as outras querem te ver, né? Eu não conheço casais de pessoas pretas, sempre são casais interracialis ou somente brancos. No meu curso tem muitos meninos gays, todos os meninos que convivi, os namorados deles eram sempre brancos. Tem uma questão de pessoas brancas preferirem casar entre si, porque parece que elas não percebem, elas não percebem, e quando você tenta questionar o que é respondido - ‘É porque é meu gosto!’” **(Tiana, 23 anos, lésbica)**

“Acho que sim, porque tem a ideia de que pessoas brancas estão dentro do ideal de beleza, e tem aquilo do que é bonito ou feio. Então as pessoas têm em mente que o branco é o que é bonito e vão atrás do que elas acham bonito, né?” **(Gabriela, 20 anos, heterossexual)**



“Eu tenho visto relacionamentos, poucos, mas tenho visto mulheres pretas que já ascenderam socialmente e estão se relacionando com homens brancos no mesmo patamar, no entanto, você percebe que esse homem quer mostrar que está fazendo um favor, quer uma carimbada que não é racista “Eu sou casado, namoro, fico com uma mulher preta, logo não sou racista” e às vezes o cara é racista pra caralho. O cara está transando com uma mulher preta, mas ele é racista. Ser racista não é só ter ojeriza pela pessoa. Tem até uma frase reeditada por Natali Nery que é importante – ‘O racismo cospe na minha boca enquanto me beija’” **(Iza, 31 anos, heterossexual)**

Nos trechos acima, é possível observar qual o lugar da mulher preta em relacionamentos afetivos. Quando não preterida, a mulher preta ocupa um lugar secundário na vida dos homens, já as mulheres brancas são vistas como dignas de afeto, amor e um relacionamento duradouro. Nesse estrato, vemos o quanto as relações afetivas são permeadas por aspectos ainda da época da colonização, na qual as mulheres pretas eram vistas apenas como amantes (Del Priore 2011), não sendo consideradas potenciais parceiras para relacionamentos duradouros, algo que se expressa atualmente, ou seja, a “lubricidade” é algo que está associada à imagem da mulher preta (Turra & Venturi, 1995; Moutinho, 2013; Freyre, 1983; Pacheco, 2013).

O racismo afetivo-sexual no Brasil se expressa de maneira distinta. Mesmo que exista um envolvimento com mulheres pretas, este é permeado por uma lógica fugidia em que essas mulheres não servem para casar, mas apenas para deleite sexual. Outro aspecto interessante é que o racismo sexual não só incide na vida das mulheres pretas, mas se faz presente na vida de homens e mulheres LGBTQ+, algo que há muito já vinha sendo pesquisado em outros países (Callander, 2012; Plummer, 2007; Han 2007).

De acordo com os relatos, o racismo afetivo-sexual direcionado às mulheres pretas não é algo vindo apenas do homem ou mulher brancos, mas dos negros também, que associam a imagem da mulher branca/homem branco a status social e poder, preterindo as mulheres/homens preta(o)s quando ascendem socialmente. Esse ponto foi tocado por Berquó (1987) ao autor afirmar que mulheres pretas tinham maior propensão a se tornar celibatárias compulsoriamente, pois homens negros preferiam se envolver preferencialmente com mulheres brancas. É possível ver nos relatos a personificação do fenômeno na vida das mulheres pretas, bem como nuances que demonstram o quanto o racismo afetivo-sexual está enraizado nas relações afetivas no que concerne à presente realidade e sua interligação com o preterimento dessas mulheres.

3.2 Racismo Afetivo-Sexual e Objetificação



Quando entrecruzados com afetividade, raça, classe e gênero, podemos visualizar o funcionamento dos estereótipos para imputar às mulheres aspectos com objetivo de controlar suas ações. Nas falas abaixo, podemos ver a mulher preta ser taxada de uma gama de estereótipos que a associam sumariamente à sexualidade. Os estereótipos funcionam como um mecanismo de desumanização e objetificação nos casos relatados.

“Por exemplo, de sempre achar que eu seja muito boa na cama, e de esperar que eu seja foda na cama pelo simples fato de ser preta. Eu comecei a perceber, fazer um estudo social próprio de como os homens me abordavam e abordavam as minhas amigas brancas, eu comecei a reparar eles sempre me chamavam pra dormir na casa dele depois de ficar comigo duas vezes e nunca chamavam elas, pois parecem que elas estão no plano do sacro.” (**Záfira, 25 anos, hétero**)

“O estereótipo da mulata, malhada, do corpão. Isso é muito dito isso no geral, os turistas vêm pro Brasil dizendo que o país tem a mulata de fio dental, é algo mais voltado para interesses sexuais.” (**Tamara, 19 anos, heterossexual**)

“Um estereótipo que é muito associado à mulher preta é o da mulher forte, enquanto a mulher branca tudo bem ela ser frágil. Isso causa uma série de violências para nós porque não nos é permitido ser frágil, e isso é um problema que pode gerar depressão, ansiedade, você espera que essa mulher supere tudo e não reclame de nada.” (**Tiana, 23, lésbica**)

“Eu acho que ele não chamaria uma mulher branca de “minha” neguinha, a questão também sempre aquela crença de que mulheres pretas têm aquele corpo volumoso. O fato de eu ter emagrecido foi uma tentativa de me desagarrar do que ele via em mim, porque eu tenho seios muito grandes e minhas “ancas” eram muito largas. Em todas as nossas conversas eles mencionavam os meus seios e as minhas ancas.” (**Luara, 21, heterossexual**)

“Os estereótipos de que negro é menos inteligente, bandido. Para nós, mulheres, isso acontece também, mas em menor grau. Surgem muito essas questões de cabelo ruim, questão da tonalidade da pele, até a forma de falar. Quanto mais a pessoa se aproxima do branco, mais atraente ela se torna.” (**Gabriela, 20 anos, heterossexual**)

Os estereótipos direcionados às mulheres pretas são aqueles que as excluem da possibilidade de relacionamentos mais duradouros ou em que se sintam humanizadas, atrelando à imagem destas componentes que incitam a sexualização exacerbada dos seus corpos e vidas, lhes imputando um lugar de subalternidade (Souza, 2008). É possível perceber a presença de outros tipos de estereótipos que norteiam a vida da pessoa preta, o estereótipo da “pessoa burra”, algo intrínseco à experiência da população preta na sociedade brasileira. Tais estereótipos funcionam como uma forma de controle das subjetividades e da possibilidade de ascensão social dos negros, componente básico do racismo estrutural (Almeida, 2018).



3.3 Racismo Afetivo-Sexual e Padrões de Beleza

Nas entrevistas realizadas quando questionadas sobre padrões de beleza, foi possível observar o quanto o padrão eurocêntrico se faz presente na vida da mulher preta, impactando em sua autoestima e bem-estar. É possível observar que “sentir-se feia” é algo deveras presente desde a tenra idade dessas mulheres, e isto continua a ecoar até a sua idade adulta.

“Oh! Pra você ter uma ideia na época que usava Tinder, eu já usei Tinder, quando tinha 15-16 anos as minhas fotos eu clareava, porque eu usava uns filtros que me deixavam tipo branca, e na época eu achava isso normal, clareava minhas fotos pra parecer branca, pra tá bonita nas redes sociais.” **(Karine, 22 anos, heterossexual)**

“Porque eu era a menina gorda, preta e de cabelo “pixaim” e por isso sempre tive que alisar meu cabelo. Comecei alisando-os aos 10 anos, mesmo meus pais sabendo que era errado uma criança alisar o cabelo, mas eu queria, porque queria usar o cabelo rabo de cavalo como as meninas da minha turma. Eu usava umas trancinhas, cabelo trançado, era o que dava pra fazer e minha mãe não sabia cuidar do meu cabelo, eu sofria.” **(Luara, 21 anos, heterossexual)**

“Acredito que ainda existe esse padrão, mas tá num processo de mudança, de mistura, mas que ainda existe muito isso porque é o que é transmitido pela mídia. Os negros estão tendo mais visibilidade agora na mídia, o cabelo cacheado/crespo tá entrando agora na moda, porque antes não era, existia um preconceito muito grande quanto a isso. Tanto é que as pessoas na rua falam pra mim – Seu cabelo é muito lindo. Hoje tô deixando meu cabelo cacheado, mas antes eu alisava. A mídia contribui muito para essa mudança.” **(Samira, 22 anos, heterossexual)**

Sim. Justamente por conta de que nós crescemos com a imagem de que a pessoa branca, loira, de cabelo liso, olho azul ou verde é bonita e negro não. Ouço isso até da minha mãe, ela falava: “você não pode casar com pessoas pretas, porque os seus filhos serão negros e de cabelo duro. Você tem que casar com uma pessoa branca porque seus filhos nascerão com o cabelo melhorzinho”. E ela fala isso para todas as minhas irmãs. **(Samira, 22 anos, heterossexual)**

Aqueles que se aproximam mais do que o Brasil convencionou como ideal de beleza, eles conseguem nos oprimir mesmo também eles sendo considerados negros. Na escola, tinha muito isso, os alunos mais claros, as alunas mais claras com cabelo cacheado, liso, traços mais amenos, com fentotipia de branco, eles sempre humilhavam aqueles que não conseguiam mudar, eu tentei mudar, não posso dizer que não tentei, fiz de tudo para mudar o que era, só fui me aceitar depois de adulta e a duras penas, como disse, todo dia tenho que reconstruir minha autoestima. A infância me deixou marcas que não é fácil me desvencilhar de coisas que saíram da boca de pessoas que eram importantes pra mim, quando essas pessoas que tem importância na sua vida, pessoas que vão formar a sua capacidade de entender o mundo como ele é, de se aceitar o impacto é enorme...” **(Iza, 30 anos, heterossexual)**



Os trechos acima elencados nos mostram, a partir da lógica na qual o branco é visto como belo e negro como feio, o lugar de subalternidade que é imputado à mulher preta, inculcando a imagem de um ser não digno de afeto, posto que sua imagem não reflete aquilo que consideramos bonito. Quando não serve para ser sexualizado, objetificado, essa mulher some e não lhe é dada a possibilidade do afeto, carinho e atenção, isso tanto por homens brancos quanto por negros. A tonalidade da pele se mostra um aspecto relevante para a discussão acerca dos padrões de beleza, já que a mulher preta retinta é aquela que não merece ser amada, a mulata deve se contentar com a objetificação do seu corpo e à branca é dada a possibilidade de ser esposada e vista como um troféu.

4. Discussão

Neste estudo tínhamos o objetivo de analisar, a partir dos discursos das entrevistadas, aspectos inerentes ao racismo afetivo-sexual e a vivência de preterimento em suas vidas afetivas e sexuais. Os estratos demonstram proficuamente o quanto o racismo afetivo-sexual é um fenômeno vivenciado pelas mulheres entrevistadas e que ele coaduna perfeitamente com o sentimento de preterimento. Essas mulheres trouxeram em seus discursos aspectos que, em pesquisas sobre racismo no Brasil, dificilmente são encontrados. Contudo, as vivências das mesmas são permeadas por dúvidas e receio em falar de um assunto que mobiliza uma gama de sentimentos, principalmente em um país onde vigora a “democracia racial” e onde o discurso das mulheres como um todo é menosprezado. A interseção entre raça, classe e gênero se fez presente nos diálogos aqui elencados, levando-nos a compreender a relevância de olhar para os fenômenos apresentados a partir de uma perspectiva mais ampla, considerando um diálogo mais aberto com outras áreas do conhecimento.

Quando se trata do racismo, principalmente quando este adentra a esfera das relações afetivas e sexuais, é possível vislumbrar o retorno do “preconceito de ter preconceito” (Fernandes, 1966). No entanto, quando questionados sobre tipos ideais de parceiros afetivos e sexuais, conseguimos observar na retórica dos sujeitos um comportamento esquivo ao tratar da temática, alicerçado na lógica de gostos/preferências pessoais e em atributos mais subjetivos (caráter, conduta). Todavia, na prática, a teoria que vigora é outra. O desejo, afetividade e amor são aspectos indissociáveis da realidade social, “nossos gostos pessoais” estão permeados por ditames que regem nossos afetos e sexualidade. Se realizarmos uma observação pormenorizada desses gostos pessoais, encontraremos, no seu cerne, traços do racismo estrutural inerente à sociedade brasileira (Almeida, 2019). Essa estrutura confere às expressões de racismo uma camada mais espessa e rasteira imbuída em lógicas de poder, tornando



árdua a contestação do *status quo* intrínseco às relações raciais, bem como a relevância dos estereótipos nesse processo.

A dinâmica do racismo afetivo-sexual é fortemente influenciada pelo papel dos estereótipos raciais, que desempenham uma função relevante na economia cognitiva, permitindo que nossa percepção da realidade seja organizada de forma eficiente, segundo Tajfel (1981). No contexto racial, os estereótipos têm um papel estruturante na manutenção do *status quo*. Eles contribuem para a marginalização dos negros e outros grupos raciais no âmbito das relações afetivas e sexuais (Silvestrini, 2019), o que dificulta significativamente a possibilidade de envolvimento afetivo em qualquer tipo de relação.

Essa dificuldade é alimentada pela ideia incutida na consciência das pessoas de que existe um padrão de beleza correto para direcionar seus afetos e atração, um padrão fundamentado na lógica de que "quanto mais branco melhor, quanto mais claro, superior" (SCHWARCZ, 1993). Esse padrão branco é visto como o ideal e merecedor de existência e humanidade, enquanto o não branco é relegado à negação, como afirma Paterninni (2016).

Estudos sobre a cor da pele e representações sociais mostram como esses padrões de beleza, determinados socialmente, são usados para determinar o acesso a espaços de poder e para manter a hierarquização racial no Brasil (Vaccarezza & Lima, 2019). O padrão branco é amplamente considerado o ideal (Sengupta, 2006; Vaccarezza & Lima, 2019; Lima et al, 2022).

Apesar de uma negação gradual do racismo no Brasil, a sociedade ainda confere privilégios àqueles que são brancos, incluindo o privilégio de ser amado. Quanto mais uma pessoa se aproxima da branquitude, mais possibilidades de existência lhe são conferidas. Isso cria uma dinâmica na qual as pessoas negras enfrentam preterimento e marginalização em suas vidas afetivas e sexuais, baseado em estereótipos raciais e padrões de beleza impostos pela sociedade. De fato, é possível observar uma dinâmica contrastante no "mercado afetivo", onde o negro é frequentemente fetichizado, excluído, hiperssexualizado ou até mesmo invisibilizado. O racismo afetivo-sexual atua em conjunto com os estereótipos raciais e padrões de beleza que excluem as pessoas pretas, resultando em experiências que impactam diretamente na autoestima e na vida afetiva dessas mulheres (Silvestrini, 2019).

Os relatos das entrevistadas mostram nitidamente como o racismo afetivo-sexual tem um impacto significativo em suas vidas, de maneira mais ou menos intensa. O preterimento é um elemento central nessa dinâmica, sendo essencial para o funcionamento desse tipo de racismo. A imagem de lúbrica associada à mulher preta desde o período colonial ainda persiste nos dias atuais, e



a objetificação e sexualização da mulher preta são vivenciadas por essas mulheres, o que revela um sofrimento em algum nível.

Com base nas reflexões apresentadas, é evidente que a análise da operacionalização do racismo afetivo-sexual e seus impactos na saúde física e psicológica das minorias raciais é um campo de pesquisa altamente relevante no contexto brasileiro. É essencial compreender o *modus operandi* desse fenômeno no Brasil e identificar os outros componentes relacionados às dinâmicas de exclusão inerentes ao racismo afetivo-sexual, especialmente em um momento em que o racismo parece ressurgir em sua forma mais virulenta.

É importante reconhecer que a teoria do racismo afetivo-sexual aqui utilizada (Callander, 2015) pode não contemplar com primazia a expressão desse fenômeno na realidade brasileira, uma vez que o contexto em que o conceito foi desenvolvido pode diferir significativamente do contexto brasileiro. Portanto, é fundamental adaptar e aprofundar as teorias existentes para melhor entender o racismo afetivo-sexual no Brasil.

Outro aspecto relevante a ser considerado na análise do racismo afetivo-sexual no Brasil é como ele se manifesta de acordo com a tonalidade da pele. Foi observado nos discursos das mulheres entrevistadas que aquelas com pele mais retinta tendem a ser mais preteridas em relação às mulheres de pele mais clara, seja para questões de relacionamentos afetivos ou casamento. Esse fato aponta para uma complexidade adicional na dinâmica do racismo afetivo-sexual, pois as experiências podem variar de acordo com a tonalidade da pele das mulheres envolvidas. As observações feitas a partir dos discursos das mulheres entrevistadas destacam claramente como o racismo afetivo-sexual se manifesta nas relações afetivas e sexuais, criando diferentes lugares reservados para cada mulher de acordo com a tonalidade de sua pele. Algumas mulheres são estereotipadas e objetificadas, enquanto outras são idealizadas e colocadas dentro de um padrão de beleza que lhes confere “privilégios”. No entanto, para algumas mulheres pretas, resta a invisibilidade, o silenciamento e a solidão.

Ao longo do trabalho, analisou-se a interação entre o racismo afetivo-sexual e sua contribuição para a produção do preterimento afetivo e sexual da mulher preta. Embora o fenômeno do racismo afetivo-sexual seja relativamente recente no campo científico no Brasil, sua expressão nas relações afetivas e sexuais remonta ao período da diáspora africana. A lógica de preferências pessoais para determinar com quem se relacionar duradouramente está presente na sociedade brasileira, mas essa lógica também carrega consigo a influência do padrão eurocêntrico de beleza.

Os corpos que se distanciam desse padrão são historicamente considerados abjetos e indignos de afetos, sendo alvo de estereótipos e preteridos nas relações afetivas e sexuais. Essa situação coloca



em evidência a necessidade de examinar e questionar a forma como os desejos, gostos e preferências são influenciados por normas sociais e estereótipos. Nossos gostos e preferências são moldados e influenciados pelas mensagens que recebemos desde a infância, e as representações sociais de raça, gênero e beleza têm um papel significativo em nossas “escolhas” afetivas e sexuais.

O racismo afetivo-sexual é um fenômeno complexo que se manifesta nas relações afetivas e sexuais e tem raízes profundas na história do Brasil desde o período da diáspora africana. A lógica de preferências e gostos pessoais na escolha de parceiros permeia as relações afetivas na sociedade brasileira, mas é importante reconhecer que essas preferências não são isentas de influências sociais e culturais massivamente eurocêntricas e racistas. Os corpos que não se encaixam no padrão eurocêntrico são frequentemente desvalorizados, estereotipados e preteridos, o que reflete a longa história de racismo e objetificação dessas pessoas (Pacheco 2013; Souza, 2008; Moutinho, 2004; hooks, 2000; Silva & Vaccarezza, 2015; Lima et al, 2022). As relações afetivas e sexuais são uma esfera da vida em que o público e o privado se entrelaçam, mas ao mesmo tempo são consideradas questões íntimas e pessoais, onde a autonomia individual é valorizada. No entanto, é importante reconhecer que nossas preferências e escolhas afetivas não ocorrem em um vácuo social. Elas são moldadas pelas normas e expectativas sociais, incluindo as normas de beleza e padrões de aceitação estabelecidos pela sociedade.

O percurso realizado aqui nos mune de uma visão mais ampla acerca do impacto do racismo afetivo-sexual na vida afetiva das mulheres pretas. A partir disso, foi possível vislumbrar o que a mulher preta vivencia no Brasil e como isso requer um movimento duplo de existência e resistência. A estrutura social, em suas mais diversas nuances, massivamente racista e sexista, impede, na maioria das vezes, a ascensão social dessa mulher, delimita quais espaços inexpressivos ela deve ocupar e como fazer uso do seu corpo e afetos.

Assim, é fundamental analisar como o racismo afetivo-sexual se manifesta nesse contexto, influenciando nossas escolhas e percepções afetivas e sexuais. A pesquisa sobre esse tema é ainda recente no Brasil, mas sua importância é evidente para compreendermos como o racismo permeia as relações interpessoais e como ele pode contribuir para o preterimento e a desvalorização de pessoas não-brancas seja nesse ou em outros âmbitos.

5. Limitações



É importante reconhecer que o estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar seus resultados. O tamanho da amostra é relativamente pequeno, o que pode limitar a generalização dos achados para a população em geral. Além disso, a coleta de dados foi realizada em um contexto específico, o que pode reduzir a diversidade das experiências relatadas pelas participantes. A falta de variabilidade nas idades das participantes também pode impactar na compreensão das diferentes vivências do racismo afetivo-sexual ao longo das diferentes fases da vida. Além disso, a presença de participantes homossexuais na amostra pode introduzir um viés, já que a experiência do racismo afetivo-sexual pode ser influenciada por outras dimensões de marginalização e discriminação.

Assim, é fundamental que pesquisas futuras busquem ampliar a amostra, incluindo participantes de diferentes idades, contextos sociais e orientações sexuais. Isso permitirá uma análise mais abrangente das diversas formas como o racismo afetivo-sexual se manifesta e impacta a vida das mulheres pretas em diferentes realidades.

Além disso, é relevante estender a pesquisa para outras regiões do país, considerando que as experiências do racismo afetivo-sexual podem variar de acordo com o contexto cultural e social. Avaliar como o fenômeno surge em diferentes estratos sociais também é crucial para entendermos a complexidade desse problema e suas implicações na vida das pessoas afetadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BERQUÓ, Elza. Nupcialidade da população negra no Brasil. In: Nupcialidade da população negra no Brasil. 2011. p. 131-131.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, v. 3, n. 2, 2006, p. 77-101
- CALLANDER, Denton; NEWMAN, Christy E.; HOLT, Martin. Is sexual racism really racism? Distinguishing attitudes toward sexual racism and generic racism among gay and bisexual men. *Archives of sexual behavior*, v. 44, 2015 p. 1991-2000.
- DEL PRIORE, Mary., & AMANTINO, M. (Eds). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 565 p.



- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017, 122 p.
- FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.
- FREYRE, G. Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Lisboa: Edição Livros do Brasil. 1933/1983
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje—Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. 1984.
- MACHADO, Cauê Fraga. GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2021, 375 pp.
- HAN, Chong-suk. They don't want to cruise your type: Gay men of color and the racial politics of exclusion. *Social Identities*, v. 13, n. 1, 2007, p. 51-67.
- HAN, Chong-suk; CHOI, Kyung-Hee. Very few people say "No Whites": Gay men of color and the racial politics of desire. *Sociological Spectrum*, v. 38, n. 3, 2018, p. 145-161.
- HOLLOWAY, Immy; TODRES, Les. The status of method: flexibility, consistency and coherence. *Qualitative research*, v. 3, n. 3, 2003, p. 345-357.
- HOOKS, bell. Intelectuais pretas. *Estudos Feministas*, n. 2, 1995, p. 464-478.
- HOOKS, bell. Vivendo de amor, *In*: WERNECK, Jurema. et al. (Org.). O livro da saúde das mulheres pretas. Rio de Janeiro: Pallas; Criola. 2000.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; DOS SANTOS RODRIGUES, Henio; SANTOS, Eleonora Vaccarezza. Sexual Racism in Brazil: Aesthetic Preference, Beauty Models and Stereotypes. *Trends in Psychology*, v. 30, n. 3, 2022, p. 480-496.
- Lima, L. L. A. de, Lima, F., & Oliveira, L. R. de. (2022). MULHERES NEGRAS, SUBJETIVAÇÃO E TRAUMA COLONIAL: BEM VIVER E FUTURIDADE. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 14(Ed. Especi), 60–77.
- MACHADO, Vanda. Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória;. *Letras: Língua e Literatura: Limites e Fronteiras*, Santa Maria, UFSM, n. 26, jun. 2003.
- MOURA, Clóvis. "Miscigenação e democracia racial: mito e realidade". In: _____. *Sociologia do negro brasileiro*. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MOUTINHO, Laura. Razão, " cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais" inter-raciais" no Brasil e na África do Sul. Unesp, 2004.



- MOUTINHO, Laura. " Raça", sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. cadernos pagu, 2004, p. 55-88.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Mulher negra: afetividade e solidão. Edufba, 2013.
- PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº10.639/2003. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- PETRUCELLI, J. L. Há uma hierarquia racial na sociedade. IHU online – Unisinos, n. 406, 2012 p. 1-7.
- PLUMMER, Mary Dianne. Sexual racism in gay communities: Negotiating the ethnosexual marketplace. 2007. Tese de Doutorado.
- RIBEIRO, D. (2016, 21 de junho) Relações Interraciais e a Solidão da Mulher Preta.[Arquivo de Vídeo] Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>
- RIBEIRO, Djamilá. Lugar de fala. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Administração das diferenças individuais na escola, v. 49, 2016.
- SENGUPTA, Rhea. Reading representations of Black, East Asian, and White women in magazines for adolescent girls. Sex roles, v. 54, n. 11-12, 2006 p. 799-808.
- SILVA, Patricia; SANTOS, Eleonora Vaccarezza. Estética negra: Vivência da identidade e negritude em mulheres pretas sergipanas. Veredas Favip-Revista Eletrônica de Ciências, v. 7, n. 2, 2015, p. 59-77, 2015.
- SILVESTRINI, Molly. It's not something I can shake: The effect of racial stereotypes, beauty standards, and sexual racism on interracial attraction. Sexuality & Culture, v. 24, n. 1, 2020, p. 305-325.
- SOUZA, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008.
- TAJFEL, Henri. Human groups and social categories: Studies in social psychology. Cup Archive, 1981.
- TURRA, Cleusa et al. Racismo cordial. 1995.